This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 120 110 742

s, Jayme.

Os Portuguezes na região do Nyassa.

STANFORD LIBRARIES

DT861
B328

STANFORD LIBRARIES

STANFORD LIBRARIES

HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

STANFORD LIBRARIES

HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

Jornal da Sociedade.

OS PORTUGUEZES

NA

REGIÃO DO NYASSA

POR

JAYME BATALHA REIS

Da sociedade de geographia de Lisboa, etc.

(Artigo publicado no «Scottish Geographical Magazine» de Maio de 1889)

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1889

19775

DT861
B328

HOOVER
STANFORD LIBRARIES
LIBRARY

OS PORTUGUEZES

NA

REGIÃO DO NYASSA

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

IMPRENTA NACIONAL

[illegible]

HT861
B328

232770

THE HOOVER LIBRARY

English historians, geographers, and travellers have, for many years, made assertions regarding Africa which lead to the supposition that they either do not know, or do not present in their true light, many of the documents which refer to the discovery and exploration of that continent by the nations of Europe. Newspapers, literary magazines, books of history, and even geographical papers, repeat incorrect statements, uncontradicted, almost daily, so that, when, at length, the attention of politicians is called to African matters, they find themselves faced by a history and a geography, in many respects imaginary and false, but standing as though incontrovertible.

I now present some of these ignored or forgotten documents, and, following preciseley the example of other writers in the *Scottish Geographical Magazine,* I will, in brief terms, call attention to the importance of those documents in regard to the actual situation in that part of Africa to which they refer.

I

It seems to be a settled opinion in England and Scotland that their travellers discovered, visited, explored, what they all style «Nyassaland» before the Portuguese did, and that therefore Great Britain has a superior right over Portugal to political sway in these territories. This is the point which I propose to examine historically.

Let us first, however, see what «Nyassaland» may embrace. The territories included under this denomination are naturally divided into the four following regions:

1st Lake Nyassa and its margins.

2d The districts bordering on the Shiré, between Lake Nyassa and the Zambesi.

3d The districts from Lake Nyassa to the shores of the Indian Ocean.

4th The districts from Lake Nyassa, west.

II

We will first endeavour to ascertain, by investigating some documents, who first knew and visited the Nyassa.

In a letter written from Tete, on the margins of the Zambesi, by the Portuguese Luiz Mariano, in 1624, one reads the following:

«Lake Hemosura is 27 days' march from Tete. It is half a league from Maravi. From this lake flows the river Cherim[1], at first peacefully, but which, afterwards, on account of the numerous rocks that it meets, and where its waters are broken, becomes so impetuous as to be unnavigable. Maravi is situated between the lake and the Zambesi. It is a densely populated place, and we (the Portuguese) carry on much trade with its inhabitants... have no knowledge of the extremity of the lake, it being so long. It is four or five leagues wide, and, in some parts, land cannot be seen from one side to the other.»

This letter, the original of which was still, in the eighteenth century, found in the archives of the Goa Jesuits, as Father Francisco de Sousa informs us[2], was published in Rome in 1627[3].

Hemosura is the name which belonged also to a chief who was found established near Lake Nyassa, and with whom the Portuguese had relations in the commencement of the eighteenth century.

---

[1] When I cite ancient authors I retain, in the African names, the orthography of these authors. *Ch* in portuguese is pronounced like *sh* in English.

[2] *Oriente conquistado,* vol. I, p. 839. Lisbon, 1710.

[3] *Lettere annue d'Ethiopia, etc., d' all' anno 1620-1624,* p. 334.

In the river *Cherim,* with the *rocks obstructing its course,* it is not, I judge, difficult to recognise the *Shiré* with the *falls,* known to Englishmen by the name of *Murchison's.*

In 1665, the Portuguese traveller Manuel Godinho published the following description:

«... Lake Zachaf ... is 15 leagues wide, but its length has not, so far, been ascertained ... According to a map which I have seen, made by a Portuguese, who passed many years in Monomotapa... and other kingdoms of that Kaffraria, this lake is not very far from the Zimbooe or Court of Marabia; ... thence there issues ... the river Chire, which ... flows into the Cuama[1] (Zambesi) below Sena... He who would desire to follow this route (to pass from Angola to the Indian Ocean) should make for the said Lake Zachaf, and, finding it, descend by these rivers to our forts of Tete and Sena, and thence to the bar of Quilimane... That this lake exists I am informed by Portuguese who reached it, travelling by the river named»[2].

And in 1710 Francisco de Sousa, in a book written in 1695, from narratives and documents largely of the sixteenth century, published the following:

«All the other lands stretching to the confines of the Maravi country, which extends to the town of Tete, belong to kings and rulers who rendered vassalage to the Portuguese... The town of Maravi, whence the principal kingdom took its name ... is a little more than 60 leagues from Tete, being in the *sertão* (wilds) to the NNE., and may be in lat. 12°, a little more or less. Half a league from this town a lake is seen which extends, partly NE. partly N., and no one, as yet, knows whither. Its width is from 4 to 5 leagues and more, and the eastern shore cannot in some parts be seen... It is strewn with uninhabited islands... It abounds in fish, and, with the force of the wind, becomes very wild, great waves being formed... The kingdom of Maravi lies

---

[1] Kwama.

[2] *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de 1663.* Lisboa, 1665; ed. 1842, p. 200.

DT861
B328

OS PORTUGUEZES

NA

REGIÃO DO NYASSA

OS PORTUGUEZES

NA

REGIÃO DO NYASSA

POR

JAIME BATALHA REIS

Da sociedade de geographia de Lisboa, etc.

(Artigo publicado no «Scottish Geographical Magazine» de Maio de 1889)

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1889

...ER LIBRARY

I would say the main branch of the Zambesi comes out of it ... it would have been easier to go thither than to come down the Zambesi.» And as the result of Candido Cardoso's description, Livingstone places Lake Nyanja, or Maravi, between 11° and 13° S. lat., and the Shiré as issuing from the south of the lake[1]. It is curious to compare the map, referred to, of the first journey. with the ancient Portuguese maps and those of d'Anville (1727-1749), and with some Italian maps of the commencement of this century (Placido Zurla, 1818).

It is not until eight years after Livingstone's first book, that the great lake, formerly in 11° to 13° S. lat., descends to S. lat. 17 1/2°, and become minimised to the *marshes* of Livingstone's second journey.

It was, moreover, under the protection afforded by the influence of the Portuguese A. Henriques Ferrão, and accompanied by his servants, that Livingstone visited the Shiré and its territories[2].

IV

Here, however, we have a new document of ancient travels which will serve to lead us from the river Shiré to the part of «Nyassaland» between the lake, the Shiré, the sea, and the river Rovuma.

In the early years of the seventeenth century a Portuguese starts from Tete, on the Zambesi, ascends the Shiré, crosses it, passes near the Nyassa, traverses the lands to the east of the lake, follows in part the course of the Rovuma, and journeys as far as Kilwa. Here are a few sentences, merely, from the minute description of this journey, which I judge to be entirely unknown to the greater number of British geographers, and to which, in any case, no modern geographer has hitherto referred.

---

[1] *Vide* map at the end of *Missionary Travels*, 1857.

[2] J. A. Correia Pereira, *Notas ao ministerio do ultramar (Economista*, sept. 1888).

« Gaspar Bocarro (a nobleman from the house of the Marquis de Fronteira), started from Tete in March 1616 ... and, passing to the other side of the river Zambezi, journeyed on through the lands of Bororo, etc., and twenty-five days later slept at Morumba ... Near the city of Morumbo is the great river or lake Manganje, which has the semblance of a sea, whence flows the river Nhanha[1], emptying itself into the Zambesi below Sena, to which they there give the name of Chiry ... and he (Gaspar Bocarro) proceeded beside this river Nhanha, and slept on its shores, and the following day crossed to the opposite shore in boats ... and journeyed nort, etc. — ... Nine days later he was on the margins of the Rovuma. — Thence they proceeded and slept ... beyond the river Rofuma in the place named Muangongo... the lands which stretch from this river Rofuma right to the salt sea, etc. »

Twenty-eight days later they arrived at Kilwa. And although Gaspar Bocarro spent fifty-three days on the road, yet, his youths, who returned by the same route, from Kilwa to Tete, being smart, only occupied twenty-five days. And the Portuguese historian thus concludes: « I have written all the details of this road ... so that, if it is proposed again to try this route, etc »[2]. And, between the Rovuma, the sea, Lake Nyassa, and the Shiré, the territories thenceforward were visited by Portuguese or their envoys.

To the east of the Nyassa no European influence dates earlier than that of Portugal. The Portuguese have, for a long time, traded in ivory and tobacco with the country of the Ajawa or Yao, between the Lujende and the Nyassa, so that the quantity of ivory, brought to the Portuguese fairs, or fetched by Portuguese traders and their agents, was at one time, calculated at more than 15:600 arrobas (223 tons) annually.

For this trade a company was subsidised by the Portuguese

---

[1] *Nh* in Portuguese may be represented in English by *ny*.

[2] *Decada 13.ª da historia da India,* Antonio Bocarro, 1635, Lisbon, 1876, pp. 598–602.

Government in the eighteenth century (D. José I). These goods were exchanged for the products sent from Portuguese India, from Goa, Damão, and Diu, or for those of Brazil and Lisbon. I have before me lists of merchandise which was sent from these places to Mozambique, Quilimane, and Tete, and which the Portuguese, or their agents, or those under Portuguese prestige, and following the roads opened by Portuguese, caused to be distributed throughout these territories.

For centuries the elected chiefs of the Macuas, between the Nyassa and the sea, came to solicit confirmation of their title from the Portuguese Government of Mozambique.

Luiz João Gonzaga of Ibo, to give an actual example, has always had close relations with the chiefs of all the territories from the Nyassa to the coast. His agents, his caravans constantly pass through them. Cardoso met them on his 1885 journey, some coming from the Lujenda valley, others from the valley of the Lurio, and from Lomwe.

Mr. Gonzaga was the merchant who gave Serpa Pinto and Cardoso letters to chiefs on the borders of the Nyassa[1].

Taking into consideration the relations which for centuries have existed from the shores of the Indian Ocean to the Nyassa, the Portuguese writers and the Governors of Ibo speak of the district of Cape Delgado, in the Province of Mozambique, as extending to the borders of Lake Nyassa[2].

Quissonga, opposite Ibo has long been the *rendez-vous* for the trade of the interior. The coast population, under Portuguese influence, is estimated by Perry da Camara[3] at about 130:000 persons, who by their connection monopolise the whole interior[4].

Not four years ago, eight up-country chiefs came spontaneously to Ibo, to offer vassalage to Portugal, declaring that they were merely ratifying the vassalage which their fathers had ren-

[1] Augusto Cardoso, *Diario de viagem*, 1886.
[2] Perry da Camara, *Districto de Cabo Delgado*, p. 3.
[3] Perry da Camara, *loc. cit.*, p. 4.
[4] *Loc. cit.; Conferencia na sociedade de geographia de Lisboa*, 1886, p. 13.

dered to the King of Portugal[1]. Since then, the caravans, which used to go from the Nyassa to Lindi and Kilwa, north of the Rovuma, have commenced going to Ibo and the Portuguese ports.

The recent prosperity of Mazimbwa, between Ibo and Tungui, is a consequence of these augmented connections and trade. In 1884 one caravan alone brought about £ 5:000 worth of ivory from the interior to that port[2].

When Serpa Pinto's expedition reached Medo in 1885, the Portuguese flag was flying both at Medo and at Mwalia, almost in the centre of the region extending from the sea to the Nyassa. The history of this expedition and of its journey from Mozambique to Ibo, and from Ibo to the Nyassa, demonstrates the Portuguese prestige in these parts. The chiefs of the tribes obeyed, readily and from a distance, the orders of the Portuguese Governor of Ibo. Serpa Pinto, one of the leaders of the expedition, almost dying, was carefully conveyed back, and the other, Cardoso, who for several days was blind, was guided to the banks of the Upper Lujende, by Checuan, uncle of M'Tarica himself[3].

M'Tarica, the chief of Lujende, rendered all sorts of services to Cardoso's expedition: he received from him the Portuguese flags which he placed in his prosperous town (the key of the caravan routes from the Nyassa to the sea), and offered vassalage to the King of Portugal[4]. His brother, Kwirrasia, chief on the margins of Lake Nyassa, did likewise[5].

The Portuguese Government has long had residents with the Medo and Mucaribo chiefs. These residents are not *consul*, such as Great Britain sends to the Nyassa, as to a country confessedly

---

[1] *Boletim official da provincia de Moçambique*, feb. and march 1883, n.os 9 and 10: P. da Camara, *loc. cit.*, p. 41.

[2] Perry, *loc. cit.*, p. 8.

[3] Perry da Camara, *loc. cit.*; Augusto Cardoso, *Diario de viagem. Conferencia na sociedade de geographia de Lisboa*, 1886. *passim*.

[4] Cardoso, *Conferencia, etc.*, 1886. p. 13.

[5] Cardoso, *Diario de viagem. Conferencia, etc.*, p. 16.

foreign, but are official delegates of Portugal in a manifestly vassal country, who watch the actions of the chief, and frequently direct them.

V

It now remains for me to speak of the travels and explorations of the Portuguese in the final portion of what may be styled «Nyassaland»: the regions west of the Lake.

Senna and Tete, towns established in the valley of the Zambesi, about the middle of the sixteenth century, and Zumbo, in the eighteenth century, when all were regarded as —villas— (boroughs) (1763–1764), thenceforward became centres and starting-points for the exploration and trade of the countries north and south of the great river.

It is altogether erroneous to say, as English writers constantly do, that the trade there was *exclusively* in slaves. What at this moment occupies us is the commerce north of the Zambesi, and it was precisely from the north that ivory and a great part of the gold was obtained. W. Montagu Kerr says: «Ivory and gold are the coveted treasures of this region (Tete), and, since *the conquest, have formed the chief articles of trade*»[1]. In some statistics of 1806 the annual exportation, then already declining, from Senna and Tete, where the produce was collected, amounted to 10:187 oitavas (1:273 lbs.) of gold, 4:375 elephant's tusks, besides copper, wax, etc. In 1835, 6:000 oitavas of gold, and 900 arrobas (13 tons) of ivory were still amassed. Even to-day the greater part of the ivory which enters Quilimane is from Tete[2]. In exchange for these the Portuguese introduced Asiatic and European wares to the whole Maravi country.

Many of these lands were, in the sixteenth century, bestowed, by the native chiefs, on the King of Portugal. The establishment

---

[1] *Scottish geographical magazine,* vol. II, p. 387. 1886, (The italics are mine.)

[2] Cardoso Coutinho, *Boletim official da provincia de Moçambique,* p. 212, 1888.

of Zumbo has its origin in this very fact, which was commemorated in ceremonies of vassalage, that still took place as recently as the middle of the eighteenth century.

Francisco de Sousa writes: «All the other lands stretching to the confines of Marave belong to kings and lords who, in the days of the Governor Francisco Barreto, offered vassalage to the Portuguese.»[1]

The same author speaks of gold known to, and explored by the Portuguese, 240 miles above Tete[2].

Any one casting his eye over a map of Eastern Africa, made from ancient Portuguese description, may see, parallel to Lake Nyassa, and stretching towards the 14th degree of south latitude, a number of places designated *bares*. These *bares*, as every one knows, were localities where gold was worked. Many were discovered or explored by Portuguese in the Maravi country, which, extending to Lake Nyassa, long gave it the name.

There the Portuguese had authority, chief-captains and Dominican missionaries. And for many years, in these *bares*, which Portuguese writers of fifty years ago still called *aldeias volantes* (movable villages), wooden chapels were erected where the monks said mass.

Mochinga, Mixonga, Java, Cansissa, Chinsundo, Missale, Mano, are names of some of these *bares*, the explorers of which used to work more than 200 miles round about to the north of Tete, in the vicinity of the 12th parallel, and west of Lake Nyassa.

From 1825 to 1827 a Portuguese colony was established in Marombo, 1 degree west of Nyassa, in lands purchased from native chiefs, and the Portuguese traded thence with the Muizas, to the north of the Maravi country, nearly as far as the northern limit of Lake Niassa[3].

This colony is still found indicated on Portuguese maps with the designation —*terra portugueza*— (Portuguese land). But, in these same maps, beyond the mountain ranges to the south-west

---

[1] *Oriente conquistado*, p. 838. 1710.

[2] *Loc. cit.*, p. 846.

[3] Burton, *Lands of Cazembe*, pp. 30, 50.

of Lake Nyassa, where stretches what in English maps is styled —the Kirk Range—, the following words appear: —Terras de Chissaca subdito Portuguez— (lands of Chissaca, a Portuguese subject).

These territories, inhabited by the Muzinbos, extended north as far as the river Ruareze, the river Bua, and the margins of Lake Nyassa near Kota-Kota, and westward as far as the mountains of the Upper Shiré Valley[1].

In the eighteenth century, the Portuguese Pedro Caetano Pereira, travelling through these lands, caused himself to be recognised as chief of the Muzinbos tribe and of the kingdom of Makanga. P. Caetano Pereira was a representative of the Portuguese Government, and his descendants remained such through vicissitudes and rebellions natural and inevitable amongst the peoples and regions of Africa. In 1887, at the request of many of the chiefs of these territories, the Portuguese Government established a military command in Makanga[2].

Descriptions dated 1859 indicate many places to the west of the Nyassa, and some 180 miles from Tete, where gold was still known and worked[3].

All this territory, stretching west from Lake Nyassa, was traversed by, amongst others, the Portuguese expeditions of Manuel Caetano Pereira in 1796, of dr. Lacerda in 1798, of colonel Honorato da Costa from 1806 to 1811, of Monteiro and by the expeditions of Silva Porto, which, in 1854, starting from Angola, crossed the Shiré at Tete, passed north of Lake Shirwa, and terminated to the north of the Rovuma[4].

---

[1] Mesquita e Solla, *Commando militar da Macanga. (Boletim official de Moçambique,* 1888, p. 214).

[2] Augusto de Castilho, *Boletim official de Moçambique,* 1887, pp. 331, 332.

[3] Vide *Memorias estatisticas sobre Africa oriental e provincia de Moçambique,* 1835–1859; *Diccionario de geographia universal, etc.*; *Portugal, provincias ultramarinas e Brazil,* 1881–1886, vol. I–IV, Lisbon.

[4] Vide *Annaes maritimos e coloniaes,* Lisbon, 1844-1845; Pedroso Gamitto, *O Muata Cazembe,* Lisbon, 1854; *Boletim official de Angola,* 1854–1856; R. Burton, *The lands of Cazembe,* 1875.

From what has been stated it will be seen with what amount of correctness a very distinguished English geographer, not long since (May 1888), said: «No Portuguese travellers, previous to Serpa Pinto and Cardoso (1885), explored the interior (of East Africa). No Portuguese travellers have added to their (namely, British explorer's) knowledge (of the Lakes Region of Africa.) No other nation (but the English) has laboured in the same field (Nyassalland)[1].

VI

My thesis in regard to all the parts into which «Nyassaland» may be divided being thus proved, it is evident that it may always be retorted that on the exact site, perchance, where at the present moment are located the Blantyre and Bandawé Missions, or where previously Livingstonia stood, or many miles round about, the Portuguese were not established prior to the Scottish Missions; and the general public, who do not know Africa, and whose judgment is formed by the way in which European districts are possessed and occupied, will, of course, be always much influenced by this argument.

There is, however, between the Portuguese and the British explorations and establishment in «Nyassaland» an essential difference, which has not yet been noted.

Some of the Portuguese stations, existing from the sixteenth century, in the *Bares* of the Maravi country, were military establishments. The colony of Marambo was founded in 1825 in the name of the King of Portugal. It is to Portugal that the peoples to the east of Lake Nyassa, from the border of the Lake to the valley of the Lujende and Medo, have offered vassalage. The Portuguese, who made themselves chiefs of the Muzimbos, did so by military patents granted them by the Government of Portugal. The expeditions commanded by dr. Lacerda, Pinto, Monteiro and Gamitto, were despatched by the Portuguese Govern-

---

[1] *Scottish Geographical Magazine*, vol. iv. 1888, pp. 299–301.

ment, as also that sent by colonel Costa, and the two which have been under the orders of Augusto and Antonio Cardoso.

Doubtless, therefore, in what may be styled «Nyassaland», Englishmen have travelled and settled, but the *British Government* has never been seen, except as represented, ostensibly and manifestly, by consular agents, which a nation always sends to territories not its own.

The Portuguese Government, on the contrary, has, for four centuries, in «Nyassaland», subjugated, restored order, and practised acts of sovereignty.

The trade initiated by the Portuguese may have declined in some districts —may have been transformed in others— may have passed largely into the hands of foreigners (of Englishmen, if you will), but all this represents the continuance of what had been essentially established and maintained, for centuries, at the cost of many struggles, many lives, and great outlay of money, on the part of Portugal as a nation, as a sovereign state. Much, perhaps, of the capital, much of the trade, have changed, because they are things mutable and transitory; but the fixed and permanent authority, that in which resides the sovereignty and political sway, has not changed. That has always been, in this part of Africa, of course under the conditions of possession and occupation alone possible therein, Portugal, and no other European power.

The acts of Portuguese authority were, in many parts of the territory of which we are treating, as evident and effective as was possible in a region like Africa. This does not mean, nor ought it ever to be expected, that Portugal should everywhere therein maintain armies and police; but it does imply that the Governments of the King of Portugal, and of no other European State, have more than once sent expeditions to punish the natives and to protect trade, as, for instance, those of 1804 and 1807, to the Maravi country[1], and the latest expedition to the Massingiri of the Shiré, or to the territories of Makanga.

---

[1] Botelho, *Memoria estatistica*, 1835, pp. 265, 266.

I have not said all that I could say on the subject. But it remains proved, by facts and documents, that all the rights which result from priority of discovery, priority of exploration and priority of trade, belong, in «Nyassaland», to Portugal. In like manner is it proved that Portugal has, so far, been the only European nation which, as a Sovereign State, has had territories and peoples under vassalage, and has exercised acts of sovereignty in these regions.

March 2, 1889.

TRADUCÇÃO

As asserções feitas durante muitos annos por historiadores, geographos e viajantes inglezes a respeito da Africa, levam-nos a crer que, ou elles não têem conhecimento dos documentos relativos á descoberta d'aquelle continente pelas nações da Europa, ou não apresentam esses documentos á luz do verdadeiro criterio. Jornaes, revistas litterarias, livros de historia, e até os periodicos geographicos, reproduzem de continuo asserções incorrectas, de modo que quando os homens politicos prestam attenção ás cousas da Africa, encontram uma historia e uma geographia em muitos pontos falseadas, imaginarias, e no entretanto consideradas a irrespondivel expressão da verdade.

Apresentarei por isso alguns d'esses documentos, já esquecidos ou ignorados, e, seguindo n'este ponto o exemplo de outros escriptores da *Scottish geographical magazine*, chamarei em termos laconicos a attenção dos leitores para a importancia que têem esses documentos com relação á situação actual na região da Africa, a que elles se referem.

I

Parece ser opinião assente em Inglaterra e na Escocia que os seus exploradores descobriram, visitaram e exploraram antes dos portuguezes o que elles todos chamam «Nyassaland», e que portanto a Gran-Bretanha tem um direito superior ao de Portugal

pelo que respeita ao dominio politico d'estes territorios. É este ponto que me proponho examinar historicamente.

Entretanto vejâmos quaes os territorios que «Nyassaland» abrange. A região que tem este nome é naturalmente dividida do seguinte modo:

1.º Lago Nyassa e suas margens.

2.º Os territorios das margens do Shire, entre o lago Nyassa e o Zambeze.

3.º Os territorios desde o lago Nyassa até ás costas do oceano indico.

4.º Os territorios a leste do lago Nyassa.

II

Começaremos procurando dizer ao certo, pelo estudo de alguns documentos, quem primeiro conheceu e visitou o Nyassa.

N'uma carta escripta de Tete, nas margens do Zambeze, pelo portuguez Luiz Marianno em 1624, lê-se o seguinte:

«O lago *Hermosura* está a vinte e sete dias de marcha de Tete, e a meia legua de Maravi. D'este lago nasce o rio Cherim[1], que ao principio é muito manso, mas depois, por causa dos numerosos rochedos que encontra, e onde se quebra, se torna tão impetuoso que é innavegavel. Maravi está entre o lago e o Zambeze. Este logar é muito povoado, e nós (os portuguezes) temos grande trafico com os habitantes ... não têem conhecimento da extremidade do lago, de tão longe que vae. Tem quatro ou cinco leguas de largo e em alguns pontos não se vê a terra, que fica na margem opposta.»

Esta carta, cujo original, segundo as informações do padre Francisco de Sousa[2], ainda se achava no seculo XVIII nos archivos dos jesuitas de Goa, foi publicada em Roma em 1627[3].

---

[1] Quando cito auctores antigos, conservo nos nomes africanos a orthographia d'esses auctores.

[2] *O Oriente conquistado*, vol. I, pag. 839. Lisboa, 1710.

[3] *Lettere annue d'Ethiopia*, etc., d'all anno 1620-1624, pag. 334.

Hermosura é tambem o nome de um chefe que se encontrou estabelecido perto do lago Nyassa, e com o qual os portuguezes tiveram relações no principio do seculo XVIII.

No rio *Cherim*, com os *rochedos obstruindo o seu curso*, não é difficil reconhecer, julgo eu, o *Shire* com as quédas denominadas pelos inglezes «*Murchison's falls*».

Em 1665 o viajante portuguez Manuel Godinho publicou a seguinte descripção:

«... Lagoa Zachaf ... tem de largo quinze leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento ... Segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa ... e outros d'aquella Cafraria, fica esta lagoa não muito longe do Zimbaué, quer dizer côrte de Mesura ou Marabia. Sáe d'ella ... o rio Chire ..., que se vae ajuntar com o rio de Cuama[1] (Zambeze) por baixo de Sena. Quem quizer seguir este caminho (de Angola ao oceano indico) deve dirigir-se ao dito lago Zachaf, e tendo-o achado descer por estes rios aos nossos fortes de Tete e Sena, d'ahi á barra de Quilimàne ... Que haja a tal lagoa (Zachaf) dizem-n'o, não só os cafres, senão portuguezes que já lá chegaram, navegando pelos rios acima»[2].

E em 1710 Francisco de Sousa, n'um livro escripto em 1695 com narrações e documentos do seculo XVI, publicou o seguinte:

«Todas as mais terras que correm até os confins do Maravi, que defronta com a povoação de Tete, são de reis e senhores que ... renderam vassallagem aos portuguezes ... A cidade do Maravi, d'onde tomou o nome o reino principal ... distará de Tete pouco mais de sessenta leguas lançadas pelo sertão ao NNE., e poderá estar em 12° pouco mais ou menos. Meia legua d'esta cidade apparece uma lagoa, que vae cortando parte ao NNE. e parte ao N., e ainda não se sabe até onde. A sua largura será de quatro ou cinco leguas, e mais não se divisa a terra da banda oriental em algumas partes ... Toda está semeada de muitas ilhas desertas ... Tem muito peixe ... e com a força dos ventos

---

[1] Kwama.

[2] *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de 1663*. Lisboa, 1665; ed. 1842, pag. 200.

se embravece e levantam grandes ondas . . . O reino de Maravi fica entre esta lagoa e o Zambeze. . . Advirtam porém os cosmographos, se quizerem pintar este lago nos seus mappas, que não começa junto á cidade de Maravi, senão mais ao S. uma boa distancia[1].

«Divirtamos agora o fastio que nos causou arruinar estas terras mais conhecidas e praticadas dos portuguezes»[1].

Mas até que ponto conheceram os portuguezes o rio Shire e o lago Nyassa, para poderem avaliar a sua importancia com relação ás regiões do interior da Africa?

Pelo que transcrevemos de Manuel Godinho, se vê evidentemente que em 1665 descreveu o lago Nyassa e o rio Shire, formando parte do melhor caminho a seguir para atravessar a Africa do Atlantico para o oceano indico.

Mas depois diz Francisco de Sousa em 1655: «Quizeram os padres da companhia (de Jesus) antigamente navegar por esta lagoa (Maravi), até á Ethiopia, cujos portos, no mar Roxo, estavam já n'aquelle tempo senhoreados dos turcos . . . Demanda este descobrimento braço real, e á borda da mesma lagoa se devem fabricar embarcações de véla e remo . . . por ser impossivel que em pequenos colhos (botes) possam os homens aturar uma navegação tão prolongada e tão incerta. O reino de Maravi fica entre esta lagoa e o Zambeze, e mais adiante correndo pela mesma margem (do lago) quinze dias de caminho, o reino de Massi (Masasi, Masari, Muassi ou Muazi), e proseguindo outras tantas jornadas, pouco mais ou menos, o reino dos Ruengas, quasi na altura de Mombaça (Ruga, Ruaha, Urungu, Urundi?)»[2].

Vê-se por aqui como os portuguezes no principio do seculo XVII estavam ao facto da importancia do Shire e do lago Nyassa, como bom caminho para o centro e norte da Africa. Tenho sempre tido o maior cuidado em citar não só o texto dos documentos de que me servi, como tambem o titulo da obra em que os achei, a data, a designação do volume e numero da pagina da edição que consultei.

---

[1] *Oriente conquistado*, vol. I. pag. 838 e 839.

[2] *Oriente conquistado*.

Do que fica dito póde concluir-se que do seculo XVI para o seculo XVII:

Primeiro: Os portuguezes conheceram um lago ao N. de Sena e Tete, o qual se estende para S. e para N. de 12° de latitude S.

Segundo: Este lago era tão extenso que o seu limite para o lado do N. era desconhecido.

Terceiro: A largura do lago, avaliada por uns em quatro para cinco leguas, e por outros em quinze, é tal que em certos pontos de uma das margens não se póde avistar a outra.

Quarto: Da extremidade meridional d'este lago corre um rio chamado Clerim ou Chire (Shire), que se lança no Cuama (Zambeze) abaixo de Sena.

Quinto: O rio tem n'uma parte do seu curso enormes rochedos, que tornam a navegação impossivel n'este sitio.

Sexto: Por este rio os portuguezes subiram para o grande lago antes do meiado do seculo XVII.

Setimo: Pelo mesmo tempo existia um mappa feito pelos portuguezes d'esse lago e do rio.

Oitavo: Desde o seculo XVI que os territorios de Tete até Maravi pertenceram a chefes, que eram vassallos de Portugal.

Nono: No começo do seculo XVII os portuguezes tiveram grande commercio com Maravi.

Decimo: Estas terras eram muito conhecidas e visitadas por portuguezes.

Undecimo: O rio chamado Shire e o lago appellidado Maravi foram tidos e indicados pelos portuguezes do seculo XVII, como o melhor caminho para o centro da Africa.

Foi muito tempo depois d'isto que Livingstone, tendo ido ao Shire em janeiro de 1859 e ao Nyassa em setembro do mesmo anno, escreveu: «Ao descer o baixo Shire passámos por um profundo rio de cerca de 30 jardas de largura, nascendo n'um reservatorio de aguas... A lagoa chama-se Nyanja Pangon (lago pequeno), emquanto que o pantano dos elephantes tem o nome de Nyanja Mukulu (lago grande). Ninguem acreditaria que para alem d'estes pequeno e grande Nyanja nunca se estenderam os conhecimentos geographicos dos portuguezes... as catara-

ctas do Shire são ignoradas... uma vaga noticia, citada por auctores antigos, ácerca dos pantanos abaixo das cataractas de Murchison, foi considerada como a annunciação evidente de um facto, etc.»[1].

Assim, as minuciosas descripções dos varios auctores que acima ficam citados, são, na opinião de Livingstone, apenas «*uma vaga noticia de auctores antigos!*» O lago que se estende a norte e a sul do parallelo 12, considerado como bom caminho para o centro da Africa, Abyssinia e Angola, era, na opinião de Livingstone, dois pantanos abaixo das cataractas de Murchison. As cataractas do Shire, descriptas desde tão remota data (1624) por Luiz Marianno eram, segundo Livingstone, *ignoradas* pelos portuguezes! Parece-me inutil insistir na comparação dos trechos dos auctores portuguezes com os de Livingstone, que cuidadosamente indiquei.

Livingstone diz bem: «*Ninguem acreditaria*» que os portuguezes tomassem os pantanos do Shire pelo lago Nyassa. E é para lamentar que o proprio Livingstone o acreditasse.

Ninguem admira mais do que eu o dr. Livingstone, mas por mais profunda que seja a minha admiração pelo explorador escocez, não me levará ella a negar ou desconhecer o que estava escripto dois seculos antes de Livingstone, e que desde então é conhecido e sabido.

Sir Richard Burton, o grande explorador e philologo inglez, escreve o seguinte: «Possuindo a maior admiração pelo juizo recto do dr. Livingstone, vejo-me comtudo obrigado a confessar que fez bem pouca justiça áquella pequena, mas heroica nação, que patenteou á Europa um novo caminho para o oriente. E de facto, a mais insignificante menção de alguma exploração portugueza produz n'elle o effeito de um panno vermelho (as a red rag)»[2].

E o reverendo Brucker, um erudito geographo francez, tratando do mesmo assumpto, que motivou este meu artigo, diz: «O Shire era conhecido, e foi navegado pelos portuguezes já no

---

[1] David Charles Livingstone, *Narration of an expedition to the Zambeji, 1858–1864.*

[2] *Supplementary papers te the M'Wata Cazembe*, pag. 10, 1873.

seculo XVII, apesar do que diz Livingstone... que muitas vezes apresenta negativas em assumptos que ignora»[1]. Perguntarei agora aos leitores imparciaes da «*Schottish geographical magazine*», a quem acabo de apresentar as descripções feitas por portuguezes do lago Nyassa e do Shire, se, depois de as terem lido, podem acceitar as asserções de Livingstone, ou as do professor H. Drummond, que diz ser o lago Nyassa «*completamente desconhecido*» (o italico é meu) antes de Livingstone o ter descoberto[2], ou as do reverendo H. Waller, que disse ser o tenente Cardoso (1886), o «primeiro portuguez ... que chegou até ao lago Nyassa»[3], ou as do sr. Silva White, que escreveu «ter a expedição de Livingstone descoberto (1859) o caminho do Shire e o lago Nyassa»[4], para não citar mais geographos inglezes e escocezes, que até hoje, inspirados talvez pelos sentimentos do mais respeitavel patriotismo, mas em opposição formal com a verdade, têem ministrado aos subditos britannicos uma historia e geographia, ás quaes já tomei a liberdade de chamar *imaginosas*.

E está provado, julgo eu, com relação ao lago Nyassa e ao rio Shire, que a prioridade da descoberta e a prioridade da exploração d'estas vias, e o conhecimento da sua importancia pertencem aos portuguezes.

III

Vejamos agora quem primeiro descobriu e percorreu as outras regiões que rodeiam o grande lago, e a que chamaremos «Nyassaland».

Já demonstrámos que o Shire e as suas margens foram frequentados pelos portuguezes desde o seculo XVI. Mas no seculo actual muitos portuguezes, antes de Livingstone, conheceram a existencia do lago Nyassa e das suas communicações com o rio Shire, por terem ido para ali, seguindo mais ou menos a corrente

---

[1] *Découverte des grands lacs de l'Afrique centrale*, 1878, pag. 18.
[2] *Tropical Africa*, 1888, pag. 8.
[3] *On some African entanglements*, pag. 8.
[4] *Scottish geographical magazine*, vol. IV, pag. 301, 1888.

do rio, e por terem viajado, vindo do Zambeze pelos territorios situados perto das suas margens.

Ignacio de Menezes, pae de um homem muito conhecido hoje na Zambezia pelo nome de *Ignacinho,* percorreu este caminho [1].

Em 1824 João de Jesus Maria, do Prazo [2] Marral, acompanhado por Caetano Xavier Velasques, filho de Pedro Xavier Velasques, que acompanhou o dr. Lacerda a Cazembe em 1798 [3], foi de Quilimane para o Shire, e d'ahi para o Nyassa, annexando mesmo em nome do governo portuguez parte dos territorios a leste do rio, e entre este e o lago Shirwa [1]. Esta viagem repetiu-se com intuitos commerciaes até 1846 [4].

Em 1858 João de Jesus Maria estava doente quando a expedição de Livingstone entrou na Zambezia. O dr. Kirk foi chamado para o tratar, e ouviu de sua propria bôca uma minuciosa descripção do lago Nyassa.

Romão de Jesus Maria, filho do acima mencionado, e tambem explorador do Marral, continuou depois da morte de seu pae as relações que nas suas viagens tinha entabolado [1].

Em 1853 J. B. Abreu da Silva e seu irmão Victoriano Romão J. da Silva, proprietarios em Quilimane, foram n'uma expedição mercantil em busca de marfim atravez das serras do M'Nguro entre o Shire e Quilimane, a Maganja a oeste e o Shiré a sudoeste do Nyassa, até ao valle de Aroangoa e até ás immediações do lago de Bemba.

Tendo sido roubados pelos indigenas luctaram com elles em defeza propria, e auctorisados pelo governo de Quilimane subjugaram muitos chefes. E tambem já antes de Livingstone o Shiré e seus territorios tinham sido percorridos por J. A. Correia Pereira do Prazo, de Mahindo, e por Miguel N. da Silva [4].

---

[1] J. J. Machado, *Moçambique,* pag. 29.

[2] Um prazo em Moçambique é uma porção de terreno garantido pelo estado.

[3] Captain Burton, *The lands of Cazembe,* pag. 8 e *passim.*

[4] J. J. Correia Pereira, *Notas ao ministro do ultramar (Economista,* Lisboa, setembro, 1888).

Desde 1846 Candido da Costa Cardoso, residente em Tete, commerciou nos territorios das margens do Shire e o lago Nyassa. Em março de 1856 Cardoso descreveu a Livingstone o lago Nyassa e o rio Shire.

Já acima vimos o que Livingstone escreveu em 1865 sobre a ignorancia em que elle julgava se achavam os portuguezes ácerca do lago Nyassa.

Mas vejamos agora o que elle escreveu durante a sua estada em Tete em 1856:

«O sr. Candido tinha visitado um lago situado a 45 dias NNO. de Tete, o qual é provavelmente o lago Maravi dos geographos, pois para ali chegar é necessario atravessar os povos que têem este nome. Os habitantes das suas margens meridionaes são conhecidos pelo nome de Shira, os do norte pelo de Mujos, e chamam ao lago Nyanja ou Nyanje ... Affirma que atravessou a Nyanje n'um logar onde este era estreito, levando trinta e seis horas na travessia ... talvez 60 ou 70 milhas de largura ... da extremidade meridional do lago originam-se dois rios ... o Shire, que desemboca no Zambeze um pouco abaixo de Sena»[1].

N'uma carta pouco conhecida, datada de Claremont (Mauricia) em 26 de agosto de 1856, Livingstone escreve:

«Devo dizer que o dr. Beke mostrou-me hoje uma planta do lago Nyanza feita pelo rev. M. Rebmam, que me parece concordar muito com um lago d'esse nome, explorado por um habitante de Tete (sr. Candido), e o qual eu apontei, com sua auctorisação, n'um imperfeito mappa. E como por este modo temos agora informações a respeito d'elle, não póde haver duvida ácerca da sua existencia ... parece-me que o braço principal do Zambeze deriva-se d'elle ... teria sido mais facil ir até ali do que descer o Zambeze».

E como em resultado da descripção de Cardoso, Livingstone colloca o lago Nyanja ou Moravi entre 11° e 13° de lat. S., e o Shire como tendo origem no sul do lago[2].

---

[1] Dr. Livingstone's, *Missionary Travels*, 1857, pag. 640.

[2] Vide mappa no fim da *Missionary Travels*, 1857.

É curiosa a comparação do mappa, da primeira viagem, ao qual me referi, com os antigos mappas portuguezes e com o de d'Anville (1729–1749), e com alguns mappas italianos do começo d'este seculo (Placido Zurla, 1818).

Só oito annos depois do primeiro livro de Livingstone é que o grande lago antigamente collocado entre 11° e 13° de lat. S. desce a 17° 1/2 e é reduzido aos *lameiros* mencionados na segunda viagem de Livingstone.

E demais, foi sob a protecção dispensada pela influencia do portuguez A. Henriques Ferrão, e acompanhado pelos creados d'este, que Livingstone visitou o Shire e seus territorios[1].

IV

Temos comtudo aqui um documento novo de umas viagens antigas, que serve para nos conduzir do rio Shire ao ponto de «Nyassaland» entre o lago Shire e o Rovuma.

Nos primeiros annos do seculo XVII parte de Tete, na Zambezia, um portuguez; sobe o Shire, atravessa-o, passa perto de Nyassa, atravessa para as regiões a leste do lago, segue parte do curso do Rovuma e continúa até Kilwa.

Eis-aqui apenas algumas phrases extrahidas da minuciosa descripção d'esta viagem, que julgo ser completamente desconhecida da maior parte dos geographos inglezes, e á qual, em todo o caso, nenhum geographo moderno se tem referido.

«Partiu Gaspar Bocarro (homem nobre da casa do marquez de Fronteira), de Tete em março de 1616... e passando á outra banda do rio Zambeze, foi caminhando pelas terras de Bororo», e vinte e cinco dias depois «foi dormir em Morumba ... Perto d'esta cidade de Morumba está o grande rio Maganja ou lagoa que parece mar, do qual sae o rio Nhanha que se vem metter no Zambeze abaixo de Sena, ao qual chamam lá rio de Chiry. De Morumba saíu Gaspar Bocarro ... e foi caminhando ao longo

---

[1] J. J. Correia, *Notas ao ministerio da marinha.*

d'este rio Nhanha e dormiu nas praias d'elle, e no dia seguinte passaram o rio á outra banda nas embarcações que ali têem os cafres naturaes, e foram caminhando a norte, etc...» Nove dias depois estava nas margens do Rovuma. «D'ali foram dormir no dia seguinte ao longo do rio Rofuma em o logar de Muangongo ... as terras que correm d'este rio Rofuma para diante até o mar salgado», etc.

«Escreveu-se aqui todas as miudezas d'este caminho ... porque se se offerecer fazer-se este caminho mais vezes, saiba o ventureiro que o fizer por onde ha de caminhar»[1].

Vinte e oito dias depois chegaram a Kilwa. E apesar de Gaspar Bocarro gastar cincoenta dias n'esta viagem, os seus companheiros que voltaram pelo mesmo caminho de Kilwa para Tete, por serem mais novos e ageis apenas gastaram vinte e cinco. E o historiador portuguez conclue assim: «Descrevi todas as minuciosidades d'este caminho... por isso se for necessario tornar a emprehendel-o», etc. E entre o Rovuma o lago Nyassa, o Mar e o Shire, todos os territorios foram visitados por portuguezes ou pelos seus enviados.

A leste do Nyassa nenhuma influencia européa é anterior á de Portugal. Os portuguezes durante muito tempo commerciaram em marfim e tabaco com o paiz de Ajawa ou Yao, entre Lujunde e o Nyassa, e a quantidade de marfim trazida para as feiras portuguezas, ou pelos negociantes portuguezes e seus agentes, foi uma vez calculada em mais de 15:600 arrobas annuaes.

O governo portuguez subsidiou no seculo XVIII (D. José I) uma companhia destinada a explorar este commercio.

As mercadorias eram trocadas por productos mandados da India portugueza, de Goa, Damão e Diu, ou pelos que iam do Brazil e Lisboa.

Tenho presentes as listas de mercadorias que eram enviadas para Quilimane e Tete, e que os portuguezes ou os seus agentes, ou aquelles que se valiam do prestigio portuguez e se serviam

---

[1] Antonio Bocarro, *Decada 13.ª da historia da India*, 1635. Lisboa, 1876, pag. 598 a 602.

dos caminhos abertos por portuguezes, mandaram para serem distribuidos por aquelles territorios.

Durante alguns seculos os chefes eleitos dos Macuas, entre o Nyassa e o mar, vieram pedir a confirmação do seu titulo ao governo portuguez de Moçambique.

Para dar um exemplo actual, Luiz João Gonzaga, do Ibo, tem sempre tido estreitas relações com os chefes de todos os territorios desde Nyassa até á costa. Os seus agentes e as suas caravanas passam por elles constantemente.

Cardoso, na sua viagem de 1885, encontrou alguns vindo do valle de Lujenda, outros do valle de Lurio e de Lomwe.

Foi mr. Gonzaga o negociante que deu a Serpa Pinto e Cardoso cartas para os chefes das margens do Nyassa [1].

Considerando as relações que existiram durante seculos desde a costa do oceano indico até ao Nyassa, os escriptores portuguezes e os governadores do Ibo fallam do districto de Cabo Delgado, na provincia de Moçambique, como estendendo-se até ás margens do lago Nyassa.

Quissonga, em frente do Ibo, foi, durante muito tempo, o logar de reunião do commercio com o interior [2].

Segundo o calculo de Perry da Camara, a população da costa, sob a influencia portugueza, é de 130:000 almas. que monopolisam o commercio com o interior.

Ainda não ha quatro annos que oito chefes das regiões superiores vieram espontaneamente ao Ibo offerecer vassallagem a Portugal, declarando que vinham apenas confirmar a vassallagem que os seus antepassados tinham prestado ao rei de Portugal [3].

Desde então as caravanas que costumavam vir do Nyassa para Lindi e Kilwa ao norte do Rovuma, começaram a dirigir-se para o Ibo e para os postos portuguezes.

A recente prosperidade de Mazimbwa entre o Ibo e Tungui é uma consequencia do augmento das relações e do commercio.

---

[1] Augusto Cardoso, *Diario de viagem*, 1886.

[2] Perry da Camara, *Districto de Cabo Delgado*, pag. 3.

[3] *Boletim official da provincia de Moçambique*, fevereiro e março de 1886, n.os 9 e 10.

Em 1884 uma caravana só trouxe marfim, no valor de 5:000 libras, do interior para este posto.

Quando a expedição de Serpa Pinto chegou ao Medo em 1885, a bandeira portugueza tremulava em Medo e em Mwsalia, quasi no centro da região que se estende desde o mar ao Nyassa. A historia d'esta expedição, e da sua viagem de Moçambique para o Ibo e do Ibo para Nyassa, prova o prestigio portuguez n'estas regiões. Os chefes das tribus obedeciam promptamente ás ordens do governador portuguez do Ibo.

Serpa Pinto, um dos directores da expedição, achando-se quasi á morte, foi cuidadosamente reconduzido, e o outro explorador Cardoso, que durante alguns dias esteve cego, foi levado até ao Lujende superior por Checuan, tio do proprio M'Tarica [1].

M'Tarica, o chefe de Lujende, prestou toda a especie de auxilio á expedição de Cardoso, recebeu d'elle a bandeira portugueza que hasteou na sua prospera cidade (chave dos caminhos das caravanas para o Nyassa e para o mar), e prestou vassallagem ao rei de Portugal [2]. Seu irmão, Kwirrasia, chefe nas margens do lago Nyassa, fez o mesmo.

O governo portuguez tem ha muito tempo residentes junto dos chefes de Medo e Mucaribo.

Estes residentes não são *consules*, como os que a Gran-Bretanha manda para o Nyassa, paiz declaradamente estrangeiro, mas são delegados officiaes de Portugal n'um paiz manifestamente vassallo, que vigia os actos dos chefes e frequentemente os dirige.

V

Só me resta fallar na viagem e explorações dos portuguezes no extremo do que se póde chamar «Nyassaland», isto é, as regiões ao occidente do lago.

---

[1] Perry da Camara, *loco citato*; Augusto Cardoso, *Diario de viagem*, conferencia na sociedade de geographia de Lisboa, 1886, *passim*.

[2] Cardoso, *Conferencia*, etc., 1886, pag. 13.

Senna e Tete, cidades estabelecidas no valle da Zambezia, cerca do meiado do seculo XVI, e Zumbo no seculo XVIII, quando todas eram consideradas como «villas» *(boroughs)*, (1763–1764) tornaram-se desde então centros e pontos de partida para a exploração dos paizes ao norte e ao sul do grande rio.

Seria um erro affirmar, como o fazem constantemente os escriptores inglezes, que o commercio ali era exclusivamente de escravos. O que n'este momento nos occupa é o commercio com o norte da Zambezia, e era precisamente do norte que vinha o marfim e a grande parte do oiro. W. Montagu Kere diz: «O marfim e o oiro são os thesouros cobiçados d'este paiz (Tete), e desde a conquista tem sido a principal materia de commercio»[1].

Em algumas estatisticas de 1806 a exportação annual, então já decadente, de Senna e Tete, subia a 10,187 oitavas (1:273 libras) de oiro, 4:375 dentes de elephantes, alem de cobre, cera, etc.

Em 1835 ainda se poderam colher 6:000 oitavas de oiro e 900 arrobas de marfim. Hoje mesmo a maior parte do oiro que entra em Quilimane é proveniente de Tete[2].

Em troca d'estas mercadorias os portuguezes forneciam toda a região do Moravi de productos da Asia e da Europa.

Muitas d'estas terras foram concedidas no seculo XVI pelos chefes indigenas ao rei de Portugal. O estabelecimento do Zumbo tem a sua origem n'este facto, que era commemorado com ceremonias de vassallagem, que ainda se realisavam no meiado do seculo XVIII.

Francisco de Sousa escreve: «Todas as outras terras que se alongam até aos confins do Marave pertencem aos reis e senhores, que no tempo do governador Francisco Barreto prestaram vassallagem aos portuguezes»[3].

O mesmo auctor falla do oiro conhecido e explorado pelos portuguezes 240 milhas acima de Tete.

---

[1] *Schottish geographical magazine*, vol. II, pag. 387, 1886.

[2] Cardoso Coutinho, *Boletim official da provincia de Moçambique*, pag. 212, 1888.

[3] *Oriente conquistado*, pag. 838, 1810.

Quem lançar a vista sobre um mappa da Africa oriental, desenhado segundo as descripções de origem portugueza, póde ver, parallelo ao lago Nyassa, e alongando-se para 14° de latitude S. um certo numero de logares chamados *bares*. Estes *bares*, como todos sabem, eram localidades onde se trabalhava o oiro. Muitos foram descobertos ou explorados pelos portuguezes na região do Maravi, o qual, estendendo-se até ao lago Nyassa, durante muito tempo lhe deu o nome.

Tinham ahi os portuguezes auctoridades, *capitães móres* e missionarios dominicanos. E durante muitos annos n'estes *bares*, que que os escriptores portuguezes de ha cincoenta annos ainda chamavam *aldeias volantes*, erguiam capellas de madeira, onde os padres diziam missa.

Mochinga, Mixonga, Java, Cansissa, Chinsundo, Missale, Mano são nomes de alguns d'estes *bares*, cujos exploradores costumavam trabalhar n'uma extensão de perto de 200 milhas ao norte de Tete, na vizinhança do parallelo 12, a oeste do lago Nyassa.

Desde 1825 até 1827 estabeleceu-se uma colonia portugueza em Marambo, um grau a oeste de Nyassa, em terras compradas aos chefes indigenas, e d'ahi negociavam os portuguezes com os muizas para o norte do Maravi, quasi tão longe como o limite norte do lago Nyassa [1].

Esta colonia ainda se acha indicada nos mappas portuguezes sob a designação de «Terra Portugueza». Mas n'estes mesmos mappas, alem da serra a sudoeste do lago Nyassa, onde se alonga o que os mappas inglezes chamam «The Kirk Range», lêem-se as seguintes palavras «Terras de Chissaca, subdito portuguez» [2].

Estes territorios habitados pelos Muzimbos estendem-se para o norte até ao rio Ruareze, ao rio Bua e ás margens do lago Nyassa perto de Kota-Kota, e para oeste até ás montanhas do alto Shire.

No seculo XVIII o portuguez Pedro Caetano Pereira, viajando por estas terras, fez-se reconhecer chefe da tribu dos Muzimbos, e do reino de Makanga. Caetano Pereira era representante do

---

[1] Buston, *Lands of Cazembo*, pag. 30 e 50.

[2] Mesquita e Solla, *Commando militar de Makanga (Boletim official de Moçambique*, 1888, pag. 214).

governo portuguez, e os seus descendentes ficaram-no sendo atravez das vicissitudes e rebelliões naturaes e inevitaveis nos povos e regiões da Africa. Em 1887, a pedido de muitos dos chefes d'estes territorios, o governo portuguez estabeleceu um governo militar em Makanga[1].

Algumas descripções datadas de 1859 apresentam muitos logares a oeste de Nyassa, e alguns a 180 milhas de Tete, onde ainda se achava e trabalhava oiro[2].

Todo este territorio, que se estende para oeste do lago Nyassa, foi percorrido, entre outros, por as expedições portuguezas de Manuel Caetano Pereira em 1796, do dr. Lacerda em 1798, do coronel Honorato da Costa desde 1806 a 1811, de Monteiro e Gamito em 1831 e 1832, e pelas expedições de Silva Porto, o qual em 1854, partindo de Angola, atravessou o Shiré em Tete, passou ao norte do lago Shirwa, e acabou a sua viagem a norte do Rovuma[3].

Pelo que fica dito póde avaliar-se os fundamentos com que um distinctissimo geographo inglez, ainda não ha muito (maio de 1888), affirmou que: « Nenhum portuguez anteriormente a Serpa Pinto e Cardoso (1885) tinha explorado o interior (da Africa oriental). Que nenhum portuguez adiantou conhecimento algum ao que já se sabia da região dos lagos de Africa. Que nenhuma outra nação (alem da ingleza) trabalhou n'este mesmo campo»[4]. (Nyassaland).

VI

Depois de ter demonstrado tudo quanto affirmei ácerca de «Nyassaland», é evidente que se póde ainda dizer que exacta-

---

[1] Augusto de Castilho, *Boletim official de Moçambique*, 1887, pag. 331 e 332.

[2] Vide *Memorias estatisticas sobre Africa oriental e provincia de Moçambique* 1835 a 1859; *(Diccionario de geographia universal; Portugal, provincias ultramarinas e Brazil)*, 1881 a 1886, vol. IV.

[3] *Annaes maritimos e coloniaes*, Lisboa, 1844 e 1845; Pedroso Gamitto, *Muata Cazembe*, 1854, etc.

[4] *Scottish geographical magazine*, vol. III, 1888, pag. 299 a 301.

mente no sitio onde se acham agora estabelecidas as missões de Blantyre e Bandawé, ou onde d'antes existia Livingstonia, ou em muitas milhas em volta, não se estabeleceram os portuguezes antes das missões escocezas; e em geral no publico que ignora as consas da Africa, e cuja opinião se forma comparando com o modo de occupação e posse dos territorios europeus, este argumento ha de ter muita força.

Ha comtudo entre as explorações portuguezas e inglezas uma differença essencial que ainda não foi notada.

Algumas das estações portuguezas, existentes desde o seculo XVI nos *Bares* do paiz de Maravi, eram occupações militares. A colonia de Marambo foi fundada em 1825 em nome do rei de Portugal. Foi a Portugal que os povos a leste do lago Nyassa, desde a margem do lago até ao valle de Lujende e Medo, offereceram vassallagem. Os portuguezes que se tornaram chefes dos Muzimbos, tiveram uma graduação militar concedida pelo governo portuguez. As expedições commandadas pelo dr. Lacerda, Pinto, Monteiro e Gamitto, foram mandadas organisar pelo governo portuguez, do mesmo modo da que foi mandada pelo coronel Costa, e do que as duas que até agora têem sido commandadas por Augusto Cardoso.

Por isso, sem duvida, na região que se póde chamar *Nyassaland,* os inglezes realisaram expedições e estabeleceram-se, mas nunca ali se manifestou o governo inglez, a não ser ostensiva e manifestamente pela sua representação consular, como costumam fazer as nações nos territorios em que não têem suberania.

O governo portuguez, pelo contrario, durante quatro seculos subjugou, manteve a ordem e praticou actos de soberania em «Nyassaland».

Póde o commercio começado pelos portuguezes ter decaído n'algumas partes d'aquella região, transformado talvez em outras, póde ter passado em grande parte para as mãos de estranhos (inglezes, se quizerem); mas isso mesmo representa a continuação do que essencialmente foi iniciado e mantido durante seculos á custa de muitas luctas, muitas vidas e muito despendio de dinheiro por parte da nação portugueza como estado soberano.

Talvez uma grande parte do capital, uma grande parte do commercio mudassem, porque são cousas instaveis e transitorias, mas a auctoridade effectiva e permanente na qual reside a soberania e a influencia politica não mudaram.

Isso tem sempre pertencido a Portugal e a nenhuma outra potencia europêa, n'este ponto da Africa, e nas unicas condições de posse e occupação possiveis ali.

Os actos de auctoridade por parte de Portugal foram, em muitas partes do territorio de que estamos tratando, tão claros e effectivos, quanto é possivel n'uma região africana. Não quer isto dizer, nem se póde imaginar, que Portugal tivesse obrigação de manter força armada em toda a parte, mas significa que o rei de Portugal e nenhum outro estado europeu, mais de uma vez mandou expedições com o fim de castigar os indigenas e de proteger o commercio, como por exemplo em 1804 e 1807 ao paiz de Maravi [1], e a ultima expedição ao Massingiri no Shire, ou aos territorios de Makanga.

Não disse tudo quanto poderia dizer sobre o assumpto.

Mas fica provado com factos e documentos, que todos os direitos que resultam da prioridade da descoberta, da exploração e do commercio, pertencem em «Nyassaland» a Portugal.

Do mesmo modo fica provado que n'estas regiões Portugal tem sido até aqui a unica nação europêa que, na qualidade de estado soberano, possue ali territorios e povos vassallos, e tem exercido actos de soberania.

2 de março de 1889.

---

[1] Botelho, *Memoria estatistica*, 1835, pag. 265 e 266.

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below

STANFORD LIBRARIES

3M-9-58-89749

JT861
B328

232770